

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA**

Juliana Gusman de Souza

**ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E
INTERGERACIONALIDADE**

**Santa Maria, RS
2018**

Juliana Gusman de Souza

ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INTERGERACIONALIDADE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, Área de concentração em Sociedade e Cultura no Envelhecimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Orientador: Prof. Dr. Marco A. F. Acosta

Santa Maria, RS
2018

Souza, Juliana Gusman de
ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E
INTERGERACIONALIDADE / Juliana Gusman de Souza.- 2018/.
66 p.; 30 cm

Orientador: Marco A. F. Acosta
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de
Pós-Graduação em Gerontologia, RS, 2018/

1. Envelhecimento 2. Extensão Universitária 3.
Intergeneracional 4. Gerações I. Acosta, Marco A. F. II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

© 2018

Todos os direitos autorais reservados a Juliana Gusman de Souza. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Avenida Itaimbé, n. 665/602, Bairro Centro, Santa Maria, RS. CEP: 97050-331

Fone: (55) 9 8131.2151; E-mail: juliana.nutricao2010@gmail.com

Juliana Gusman de Souza

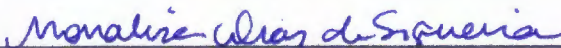
ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INTERGERACIONALIDADE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, Área de concentração em Sociedade e Cultura no Envelhecimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

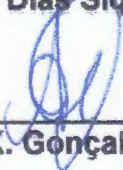
Aprovado em 19 de julho de 2018:



Marco A. F. Acosta, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Monalisa Dias Siqueira, Dra. (UFSM)



Andrea K. Gonçalves, Dra. (UFRGS)

Miriam Cabrera Corvelo Delboni, Dra. (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu amor Daniel, obrigada por todo amor, carinho e
companheirismo em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu esposo, pelo apoio, por todo incentivo que tens me dado, desde os primeiros passos de nossa caminhada juntos. Não há como mensurar meu amor, respeito e admiração por você.

Aos meus familiares que torcem por mim e vibram com as minhas vitórias.

A minha sogra, Ana Lucia, por toda disponibilidade em ajudar sempre que precisei.

A minha grande amiga do mestrado, Izabel Laguna, pelos momentos de ensinamentos, de alegrias e muitas alegrias compartilhados.

Ao meu orientador, pela oportunidade, pela confiança e pelos ensinamentos.

Às professoras, Andréa Kruger Gonçalves e Monalisa Dias de Siqueira, pela disponibilidade em compor a banca examinadora, compartilhando seus conhecimentos e experiências.

À Universidade Federal de Santa Maria e a todos os professores do mestrado que contribuíram para minha formação.

Aos participantes da pesquisa que cederam parte de seu tempo para participar deste estudo.

Enfim, meu agradecimento a todos que tornaram possível a realização desta dissertação.

RESUMO

ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INTERGERACIONALIDADE

AUTORA: Juliana Gusman de Souza

ORIENTADOR: Marco A. F. Acosta

Em 1998, estruturou-se o evento de extensão Acampavida, experiência pioneira que visa incluir os idosos da cidade de Santa Maria e região na universidade. O evento acontece uma vez por ano e são desenvolvidas atividades didático-culturais no formato de minicursos, oficinas e palestras, coordenadas e ministradas por docentes e acadêmicos da UFSM e de outras IES. Esta pesquisa objetivou analisar a ação do evento de extensão Acampavida quanto a estrutura de organização e a percepção sobre intergeracionalidade dos idosos participantes. Metodologia de natureza qualitativa, desenvolvida junto a: (1) Idosos representantes dos grupos de convivência da Terceira Idade de Santa Maria que participam das reuniões que ocorrem mensalmente no Centro de Educação Física e Desporto, que se dá no intuito de organizar o Acampavida; (2) docentes coordenadores das oficinas; (3) Acadêmicos monitores das oficinas. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a observação participante, entrevistas semiestruturada, análise documental e grupo focal, pois se entende que são técnicas que se complementam em relação ao objeto de pesquisa proposto. A análise de conteúdo segundo o método proposto por Bardin (2011). Nas dezoito edições em que o evento aconteceu, os idosos participaram ativamente de sua construção, afirmando sua atuação como protagonistas sociais. Para docentes e acadêmicos, a organização das oficinas possibilitou pôr em prática as ações de ensino, pesquisa e extensão. Em relação as percepções dos idosos sobre as interações entre as gerações, constatou-se que estas são permeadas de conflitos e solidariedade, porém que ao participarem do evento, somente as ações de solidariedade são percebidas. Dessa forma, ao observar a construção do Acampavida, compreendeu-se que neste espaço ocorrem recíprocas trocas a partir das sabedorias de cada grupo, respeitando as diversidades e o conhecimento de cada um. Assim, acredita-se que, quanto mais instituições puderem incentivar a convivência em espaços como a experiência do Acampavida, maiores serão as oportunidades de formar novos conhecimentos sobre o envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento. Extensão Universitária. Intergeracionalidade. Gerações.

ABSTRACT

ACAMPAVIDA: UNIVERSITY EXTENSION AND INTERGERATION

AUTHOR: Juliana Gusman de Souza

ADVISOR: Marco A. F. Acosta

In 1998, the extension event Acampavida was structured, pioneering experience that aims to include the elderly of the city of Santa Maria and region in the university. The event is held once a year and didactic-cultural activities are developed in the form of mini-courses, workshops and lectures, coordinated and taught by professors and academics from UFSM and other HEIs. This research aimed to analyze the action of the extension event of Acampavida regarding the organization structure and the perception about intergenerationality of the elderly participants. Methodology of a qualitative nature, developed together with: (1) Elderly representatives of the groups of coexistence of the Third Age of Santa Maria that participate in the meetings that occur monthly in the Center of Physical Education and Sport, that is given in order to organize the Acampavida; (2) teachers coordinating the workshops; (3) Academic workshop monitors. The research techniques used were participant observation, semi-structured interviews, documentary analysis and focus group, because it is understood that these techniques complement each other in relation to the proposed research object. Content analysis according to the method proposed by Bardin (2011). In the eighteen editions in which the event happened, the elderly actively participated in its construction, affirming its performance as social protagonists. For teachers and academics, the organization of the workshops made it possible to implement teaching, research and extension activities. In relation to the perceptions of the elderly about the interactions between the generations, it was verified that these are permeated by conflicts and solidarity, but that when they participate in the event, only the actions of solidarity are perceived. Thus, in observing the construction of the Acampavida, it was understood that in this space there are reciprocal exchanges from the wisdoms of each group, respecting the diversities and the knowledge of each one. Thus, it is believed that the more institutions that can foster coexistence in spaces such as the experience of Acampavida, the greater the opportunities to form new knowledge about aging.

Keywords: Aging. University Extension. Intergenerational. Generations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Culto ecumênico do 1º Acampavida em 1998.....	23
Figura 2 - Recorte do Jornal A Razão noticiando sobre o 1º Acampavida em 1998 .	23
Figura 3 - Modelo da camiseta usada no 2º Acampavida em novembro de 1999.....	24
Figura 4 - Oficina de basquete adaptado, realizada no 3º Acampavida em novembro de 2000	24
Figura 5 - Cartaz de divulgação do 4º Acampavida que aconteceu em novembro de 2002	24
Figura 6 - Foto oficina de canto realizada no 5º Acampavida em novembro de 2003	25
Figura 7 - Foto do encerramento do 6º Acampavida em outubro de 2004	25
Figura 8 - Foto dos monitores da oficina de fisioterapia no 7º Acampavida em outubro de 2005	25
Figura 9 - Foto do encerramento do 8º Acampavida em novembro de 2006	26
Figura 10 - Recorte de notícia midiática do Jornal A Razão sobre o 9º Acampavida em novembro de 2007	26
Figura 11 - 10º Acampavida	26
Figura 12 - 11º Acampavida	27
Figura 13 - Apresentação Mostra Artística do 12º Acampavida em outubro de 2010	27
Figura 14 - Reunião com os monitores na CESMA, organização do 13º Acampavida em outubro 2011	27
Figura 15 - Oficina de dança no 14º Acampavida em 2012	28
Figura 16 - Notícia veiculada no Jornal A Razão sobre o 15º Acampavida em 2013	28
Figura 17 - Cartaz de divulgação do 16º Acampavida de outubro de 2014.....	28
Figura 18 - Modelo da Camiseta usada no 17º Acampavida em outubro de 2015....	29
Figura 19 - Reunião com os representantes dos grupos de convivência de terceira idade em 2016.....	30
Figura 20 - Homenagem a idosa que participa desde o primeiro acampava na sala do NIEATI que organiza o acervo e memorial do evento	31
Figura 21 - Reunião com os monitores na CESMA para organizar o 18º Acampavida em 2017	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
CELARI	Centro de Esportes, Lazer e Recreação do Idoso
CESMA	Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria
CETRES	Centro de Extensão à Terceira Idade
GAFTI	Grupo de Atividades Físicas para Terceira Idade
IES	Instituições de Ensino Superior
LBA	Legião Brasileira de Assistência
NAI	Núcleo de Assistência ao Idoso
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIEATI	Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNITI	Universidade para Terceira Idade
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	10
1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS.....	14
1.1.1	Objetivo geral.....	14
1.1.2	Objetivos específicos.....	14
2	PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	15
3	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE A - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	59
	APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (DOCENTE)	60
	APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (ALUNO)	61
	APÊNDICE D - ROTEIRO APRESENTAÇÃO GRUPO FOCAL	62
	ANEXO A - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	63
	ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	64

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado apresenta-se dividida em seções dispostas da seguinte forma: Introdução, Publicação Científica, Conclusão e Referências.

Os itens metodologia, resultados e discussão e referências estão inseridos nos artigos que estão na seção Publicação Científica, representam o estudo na íntegra e estão formatados segundo as normas de publicação da revista escolhida.

1 INTRODUÇÃO

Surgem na França, na década de 70, as Universidades Abertas da Terceira Idade, que se expandem por toda a Europa com o objetivo primordial de tirar os idosos do isolamento social e de promover mudanças sobre o conceito e imagem da velhice perante a sociedade. O modelo de intervenção gerontológica passou a ser desenvolvido em todo o mundo, com modificações e adaptações locais para atender às necessidades de cada contexto e considerando o perfil socioeconômico e cultural das diferentes populações idosas (CACHIONI; PALMA, 2006).

No Brasil, o primeiro trabalho com pessoas idosas foi iniciado ainda nos anos 60, nos Grupos de Convivência de Idosos do SESC de São Paulo, e caracterizaram-se fundamentalmente pelas atividades sociais, esportivas e recreativas (DOLL, 2008). Outras iniciativas brasileiras de oferecer lazer e educação a adultos maduros e idosos aconteceram também na década de 70, surgiram as primeiras Escolas Abertas para a Terceira idade, que ofereciam informações sobre envelhecimento, programas de preparação para a aposentadoria, atualização cultural e atividades físicas (CACHIONI; AGUILAR, 2008).

Também na década de 70 acontece entrada das universidades na área do envelhecimento, voltando sua atenção à questão social e científica da velhice, acentuando-se na década de 90 (CACHIONI, 2003). Para Groisman (2002), “O Brasil parece ter definitivamente ‘descoberto a velhice’, depois do Ano Nacional do Idoso, em 1999”. Nesse sentido, destaca-se a Política Nacional do Idoso, de 1994, seguido pelo Estatuto do Idoso, de 2003, baseado na mesma lei, que salienta a importância da “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração na sociedade” (SIQUEIRA, 2014, p. 74-79).

Dessa forma, a transformação da velhice vem acontecendo em um ritmo crescente, alcança visibilidade e passa a ser tema nos debates políticos, nas definições de novos mercados e novas formas de consumo e lazer. “O idoso é um ator que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos” como mencionado por Guita Debert (1999, p. 11-13).

Seguindo está lógica, afim de contextualizar de forma cronológica, o primeiro projeto para acolher e incluir os idosos na Universidade no Brasil deu-se em 1982 com a criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa

Catarina (NETI/UFSC), experiência pioneira com o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão com pessoas idosas (SCHIER et al., 2013).

A Universidade Federal de Santa Maria, em 1984, através do Centro de Educação Física e Desporto (CEFD), organizou o Projeto Grupos de Atividades Físicas para Terceira Idade (GAFTI), visando a criação de grupos de idosos para práticas de atividades físicas. O projeto deu origem, em 1994, ao Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), que vem desenvolvendo atividades para o público idoso por meio de ações que envolvem ensino, pesquisa e extensão, com a participação de docentes, pós-graduandos, estudantes de graduação e idosos da comunidade de Santa Maria e região (ACOSTA; DIAS, 2000).

Dentre os projetos desenvolvidos e coordenados pelo NIEATI, destaca-se o evento de extensão Acampavida, experiência pioneira que teve sua primeira edição no ano de 1998, acontece uma vez por ano e tem por objetivo trazer o idoso para dentro da universidade para participar de atividades didático-culturais no formato de minicursos, oficinas e palestras. Essas atividades são organizadas/coordenadas por docentes de cursos de graduação da UFSM e de outras Instituições de Ensino Superior (IES), juntamente com os acadêmicos que participam ativamente da construção e implementação de cada atividade.

Destaca-se iniciativas de outras instituições que em concomitância, foram realizando trabalhos com idosos, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) criou o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI), que deu origem à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Em 1988, a Universidade Estadual do Ceará iniciou as atividades da Universidade Sem Fronteiras, resultado de uma pesquisa que gerou uma série de atividades de extensão (CACHIONI; NERI, 2012).

No Rio Grande do Sul no ano de 1990, a Universidade Católica de Pelotas passou a desenvolver ações educativas, socioculturais e de apoio à saúde mental para a promoção e melhoria da qualidade de vida na terceira idade, através do Centro de Extensão à Terceira Idade (CETRES) (MADRUGA; ARRUDA, 2015). Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a primeira ação voltada aos idosos se deu com a criação da Universidade para Terceira Idade (UNITI), projeto de extensão vinculado ao Instituto de Psicologia que, até hoje, oferece experiências de aprendizagem para pessoas idosas. Alguns anos após, foi criado o Centro de Esportes, Lazer e Recreação do Idoso (CELARI), vinculado à Escola de educação

Física e tem como objetivo o desenvolvimento de atividades físicas, culturais e sociais (BLESSMANN; GONÇALVES, 2015).

Dessa forma, proliferam-se os programas voltados para os idosos e a universidade torna-se interlocutora nos exercícios sociais e, mediante projetos integrados de pesquisa e extensão, tornando-se também um ambiente propício para se aproximar as gerações. O conceito de geração extrapola o âmbito familiar, para agregar indivíduos de uma mesma faixa etária e também de outras, que compartilharam vivências de eventos sócio históricos (BOTH, 2000; FRANÇA, 2010; DEBERT, 1999).

A intergeracionalidade é um termo usado para definir o convívio entre pessoas de idades e tempos distintos, é, acima de tudo, uma experiência coletiva de autoconhecimento e que promove benefícios mútuos, baseado, na maior parte deles, em troca, interação, ajuda mútua, comunicação, diálogo e aprendizado (MARTINEZ, 2011).

Nesse sentido, merece destaque o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, proposto no decorrer da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, organizado pelas Nações Unidas em 2002, que tem como um dos objetivos “Fortalecer a solidariedade mediante a equidade e a reciprocidade entre as gerações”, tendo em vista as necessidades individuais dos mais velhos e dos jovens, reforçando e incentivando a solidariedade entre gerações (FERRIGNO, 2010; SESC, 2013).

Considerando a importância de incentivar uma maior proximidade das diferentes gerações, atualmente muitas instituições têm desenvolvido ações que favorecem o convívio intergeracional. Afinal, a convivência, a solidariedade e o combate à intolerância podem contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária (SESC, 2013).

Por conseguinte, este trabalho justifica-se por entender que é essencial conhecer e registrar como o Acampavida se estrutura, tendo em vista que se trata de evento pioneiro e que há mais de 20 anos tem promovido um espaço para inserir pessoas idosas no ambiente acadêmico e que nele são proporcionados encontros entre diversas gerações que participam do evento. Espera-se que, com este trabalho, possam ser discutidas as contribuições que o evento oferece para os idosos e jovens, levando-se em consideração as experiências intergeracionais que o permeiam.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a ação do evento de extensão Acampavida quanto a estrutura de organização e a percepção sobre intergeracionalidade dos idosos participantes.

1.1.2 Objetivos específicos

Como forma de complementação do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever a estrutura de organização do evento Acampavida;
- b) apresentar o histórico do evento;
- c) identificar a organização das oficinas realizada pelos professores e acadêmicos;
- d) verificar a percepção sobre convívio intergeracional dos idosos envolvidos no evento acampavida;

2 PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

A seguir apresentar-se-ão dois artigos que estão formatados conforme diretrizes da Revista Kairós Gerontologia, presentes no site da Revista: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/about/submissions#authorGuidelines>>.

Acampavida: um evento de extensão universitária para idosos

Juliana Gusman de Souza

Marco Aurelio Acosta

RESUMO: O Acampavida trata-se de um evento de extensão universitária pioneiro no trabalho com idosos na cidade de Santa Maria e envolve em sua construção a atuação de docentes, acadêmicos e idosos. Desse modo, esta pesquisa tem por analisar a ação do evento de extensão Acampavida quanto a estrutura de organização e os significados da participação dos idosos, docentes e acadêmicos. Empregou-se a metodologia de caráter qualitativo, utilizando-se das técnicas de observação participante, entrevistas semiestruturada, análise documental e grupo focal. Nas dezoito edições em que o evento aconteceu, os idosos participaram ativamente de sua construção, afirmando sua atuação como protagonistas sociais. Para docentes e acadêmicos, a organização das oficinas possibilitou pôr em prática as ações de ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, ao observar a construção do Acampavida, compreendeu-se que neste espaço ocorrem recíprocas trocas a partir das sabedorias de cada grupo, respeitando as diversidades e o conhecimento de cada um.

Palavras-chave: Protagonismo; Envelhecimento; Universidade.

Introdução

O perfil demográfico altera-se rapidamente e o ritmo de crescimento da população idosa tem sido sistemático e consistente. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios [PNAD] de 2009, o país contava com uma população de cerca de 21 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade, correspondendo a 11,3% da população. Estima-se que se número possa chegar a 28,3 milhões em 2020, elevando-se para 64 milhões em 2050, conforme Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2009, 2010).

O desenvolvimento científico e tecnológico, associado às melhores condições de saúde e bem-estar social, entre outros fatores, tem como resultado um importante aumento da qualidade e expectativa de vida. Diversas são as questões trazidas pela longevidade, o seu significado social e psicológico merece constantes estudos (Inouye, & Oliveira, 2004; Both, 2000).

O fato dos idosos corresponderem a uma parcela cada vez mais representativa na sociedade, nas últimas décadas, observa-se a transformação da velhice que alcança visibilidade

nos diversos espaços sociais. Essa visibilidade foi marcada também pela criação de espaços que congregam os idosos, como os “grupos de convivência de terceira idade”, as “universidades abertas para terceira idade”, entre outros que são chamados por Debert (1999) de “programas para a terceira idade”.

Ressalta-se que as universidades são um dos principais agentes sociais de programas direcionados à população idosa, oportunizando a participação em atividades culturais, educacionais e sociais. Sendo assim, através da extensão universitária, é possível desenvolver trabalhos voltados aos idosos, conforme os objetivos, o modelo do programa e a ideologia de velhice, podendo estas atividades serem cursos ou atividades de extensão (Mazo *et al.* 2013; Cachioni, 2003).

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), desde 1984, vem desenvolvendo atividades para o público idoso por meio de ações que envolvem ensino, pesquisa e extensão, com a participação de docentes, pós-graduandos, estudantes de graduação e idosos da comunidade de Santa Maria e região.

A fim de aumentar as opções de convívio e lazer para os idosos, o NIEATI criou, em 1998, o evento de extensão universitária Acampavida, que acontece uma vez por ano e nele são desenvolvidas atividades didático-culturais no formato de minicursos, oficinas e palestras (Acosta, 2009).

Tendo em vista que o Acampavida se trata de um evento pioneiro no trabalho com idosos na cidade de Santa Maria, considera-se relevante registrar como se dá a sua construção e o seu planejamento. Desse modo, esta pesquisa tem por objetivo analisar a ação do evento de extensão Acampavida quanto a estrutura de organização e os significados da participação dos idosos, docentes e acadêmicos.

Metodologia

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, essa metodologia emprega-se da concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais não se busca estudar o fenômeno em si, de acordo com Turato (2005), o fim comum é criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum, o que ajuda a compreensão do todo em relação aos questionamentos da pesquisa e possibilita o entendimento em um dado contexto social.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram: observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas, análise documental e grupo focal, pois entende-se que essas técnicas se complementam em relação ao objeto de pesquisa proposto.

A observação participante, como técnica, exigiu uma sistematização prévia (Roteiro de Observação - Apêndice A). De acordo com Minayo, Delandes e Gomes (2012, p. 70) “esse método de coleta de dados é muito pertinente quando se pretende apreender o máximo de conhecimento dinâmico sobre dada situação ou fenômeno”.

As observações participantes foram feitas pela própria autora, no período de agosto de 2015 a dezembro de 2016, nas reuniões que acontecem mensalmente, com duração de uma hora e tem como objetivo deliberar sobre os projetos que são coordenados pelo NIEATI, dentre eles o Acampavida. Participam dessas reuniões idosos que são representantes dos grupos de convivência de terceira idade da cidade de Santa Maria e região, que são vinculados ao NIEATI. A frequência não é obrigatória, dessa forma, o número de frequentadores é variável.

Também, realizou-se a observação no 18º Acampavida, ocorrido no dia 18 de novembro de 2017, todas as observações foram anotadas em um diário de campo que pode ser considerado um documento de cunho pessoal do autor. Para complementar a pesquisa, no dia da realização do Acampavida, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os acadêmicos monitores e com os professores coordenadores das oficinas. Os acadêmicos e professores pertencem aos diversos cursos de graduação da UFSM e de outras IES que participam do evento como voluntários, os mesmos foram selecionados de forma aleatória no dia do evento, constituindo-se de uma amostra por conveniência. Assim, foram realizadas 6 entrevistas com os alunos e 3 entrevistas com os professores (Apêndice B e C).

De acordo com Minayo *et al.* (2012), as entrevistas combinam perguntas fechadas e abertas, onde os entrevistados têm a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo entrevistador.

Realizou-se, em maio de 2018, um grupo focal com os que participam das reuniões citadas acima. Na data em que se realizou o grupo focal, haviam 11 idosos, a duração foi de 50 minutos e utilizou-se de projeção de slides e algumas questões norteadoras (Apêndice D).

De acordo com Backes, Colomé, Erdmann e Lunardi (2011), o grupo focal é uma técnica que promove uma ampla possibilidade aos participantes de explorarem os seus pontos de vista, gerando, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno, suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação.

A análise documental ocorreu concomitante ao período da pesquisa, afim de identificar, verificar e apreciar os documentos armazenados na sala do NIEATI, buscou-se os recortes

mediáticos e documentos oficiais. Preconizou-se a utilização destas fontes de informações para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos. De acordo com Sá-Silva, De Almeida e Guindani (2009), a análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos.

A montagem da estrutura da análise de conteúdo consistiu em um processo cauteloso, no qual foram feitas leituras cuidadosas do material registrado e, a partir dessas leituras, pode-se extrair categorias e os significados mais relevantes para pesquisa. Depois, realizaram-se as transcrições brutas dos dados, foram analisados qualitativamente através da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011, p. 31), definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Assim as categorias mais relevantes que emergiram desse processo foram:

- a) Para os idosos: pertencimento e participação;
- b) Para os acadêmicos e docentes: articulação de ensino, pesquisa e extensão e capacitação;
- c) Para as relações estabelecidas entre os participantes: aprendizado e trocas de saberes.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para preservar o anonimato dos participantes, escolheu-se codinomes, para as idosas nomes de frutas, para os acadêmicos e docentes letras do alfabeto.

Resultados e discussão

Trajectoria histórica

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) iniciou suas atividades com os idosos em 1984, quando o Professor José Francisco Silva Dias (Juca) buscou, em locais onde se reuniam, alguns idosos que por ventura poderiam estar interessados em praticar alguma atividade física. Foi então que, na Paróquia do Perpétuo Socorro, no bairro Itararé, encontrou

um grupo com 15 senhoras da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que se reuniam uma vez por semana para ensinar crochê, tricô, corte e costura. O professor Juca apresentou ao grupo a ideia de organizar momentos para praticar exercício físico, a ideia foi bem aceita e, assim, foi formado o primeiro grupo de atividades físicas para terceira idade de Santa Maria (Acosta, 2016).

Dessa forma, foi organizado o Projeto Grupos de Atividades Físicas para Terceira Idade (GAFTI), visando a prática de atividades físicas compatíveis com a idade e, conseqüentemente, melhorar a condição física. Pode-se destacar o projeto Idoso, Natação e Saúde, criado em 1986, onde 33 idosos participavam das aulas da disciplina curricular do curso de graduação, Natação III. Atualmente esse projeto é realizado dentro da UFSM com várias turmas, envolvendo uma média de 900 idosos. Para realizar as aulas, monitores bolsistas são capacitados para desenvolverem as atividades (Acosta, 2016).

Teve início em 1992, o projeto Aluno Especial II, os cursos regulares de graduação oferecem vagas em determinadas disciplinas para idosos, que as podem cursar com vistas à obtenção de certificados de estudos, mas sem direito a contagem de créditos na universidade, este projeto também é realizado pela Universidade de São Paulo (USP) (Acosta, 2016; Cachioni, & Neri, 2012).

A Terceira Idade da Dança surgiu também em 1992, por influência dos trabalhos desenvolvidos com idosos nas aulas de natação. Em 1993, é iniciado o Projeto Momento e Vida – Atividades Físicas em Asilos. No ano de 1995, foi criado o Coral da Terceira Idade – Cantando a Vida.

Segundo Acosta (2014), em 1994 originou-se o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), que passou a coordenar os projetos citados acima e também coordena outros projetos:

- a) Ciclo de Cinema, teve sua primeira edição em 2009. Este projeto acontece anualmente nos meses de maio a outubro. Nas cinco sessões em que acontecem, o envelhecimento é o tema principal. Ao término das projeções é realizada uma roda de conversas e debates com o público presente sobre a proposta do filme;
- b) Seminário de Pesquisa/Extensão sobre Terceira Idade/Envelhecimento, sua primeira edição aconteceu em 2010. É realizado anualmente, contemplando palestras e apresentações de trabalhos;
- c) Curso de Formação em Gerontologia é um momento de qualificação para aqueles que querem trabalhar com os mais velhos, o Curso tem sido ofertado há muitos anos com temáticas relacionadas nessa área do conhecimento. Os projetos de extensão do

NIEATI demandam uma rotatividade permanente de monitores, o que obriga a um exercício constante de formação continuada. A abertura do Mestrado em Gerontologia possibilitou a participação dos mestrandos no exercício de organização e de proferir palestras. Esse curso atende uma procura cada vez mais interdisciplinar e representa também uma oportunidade para aqueles profissionais que querem se aproximar do trabalho realizado pelo NIEATI.

- d) O Acampavida foi realizado pela primeira vez em 1998, idealizado pela Professora Giovana Mazzo, que tinha como objetivo trazer idosos para um acampamento dentro da UFSM. Esse evento esteve cercado de expectativas por ser uma novidade, reunindo cerca de 840 idosos. As oficinas e minicursos ofertados foram natação, hidroginástica, dança, jogos de mesa, canto, ginástica oriental, bocha, entre outros. A repercussão dessa primeira edição teve grande sucesso, no ano seguinte aconteceu o 2º Acampavida, organizado nos mesmos moldes, contando com a presença de 814 idosos.

Este evento é uma experiência pioneira que visa incluir os idosos na universidade. Acosta e Dias (2000, p. 158) descrevem os objetivos do evento em suas primeiras edições:

(...) tem por objetivo proporcionar aos adultos de ambos os sexos, com a partir de 55 anos, uma oportunidade de convivência dentro da Universidade, durante 3 dias que lhes permitisse experienciar várias manifestações do movimento humano, do lúdico, da cultura e principalmente, de relacionamento com os demais, numa dimensão de crescimento fraternal. Além disso, objetivamos também proporcionar aos alunos do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM, tanto da graduação e pós-graduação uma oportunidade de interagir tanto com os adultos de 55 anos ou mais, quanto com os colegas de outros cursos numa situação de acampamento, e também, proporcionar a esses adultos, uma possibilidade de conhecer novas maneiras de ser fazer educação física, aumentando sua autonomia de movimento e garantindo-lhes uma melhor qualidade de vida.

Sendo assim, os objetivos iniciais descritos acima, permanecem até os dias atuais, porém a estrutura do evento vem sendo alterada no decorrer dos anos com intuito de atender as

modificações e demandas dos idosos, tendo em vista que sempre se prioriza o atendimento ao idoso, assim Acosta (2014, p. 100) continua a descrever o evento:

[...] O ACAMPAVIDA, é um evento no qual durante dois dias, os mais velhos têm a oportunidade de desfrutar do conhecimento gerado no meio acadêmico, além de estabelecerem relacionamentos com outras pessoas da mesma geração. As atividades são desenvolvidas no Centro de Educação Física e Desportos e no Centro de Eventos da UFSM, contando com uma programação que contempla, além das oficinas dos cursos, uma Mostra Artística, onde os mais velhos apresentam seus números de dança e coreografias.

Nesses 20 anos em que o evento é realizado, houveram modificações em sua estrutura, nos anos iniciais era realizado por 3 dias, e atualmente o evento é acontece em 2 dias, no primeiro dia ocorre o baile que é totalmente organizado pelos idosos e no segundo dia acontecem as oficinas, minicursos, palestras, mostra artística, etc. no campus da UFSM . Cabe destacar que, segundo Acosta (2009), o evento tem sido construído com a participação dos idosos desde a primeira edição, adota-se a perspectiva de considerar como fundamental o protagonismo dos idosos, pois eles são conhecedores de suas demandas e representam de forma exemplar sua atuação.

Acosta (2009) fez um relato minucioso das dez primeiras edições no livro “Acampavida – 10 anos”, a trajetória de 1998 a 2008”. Sendo assim, para melhor ilustrar esse resgate histórico, abaixo encontram-se fotos, matérias de jornais e outras mídias gráficas, para que, através dessas figuras, o leitor tenha melhor compreensão do Acampavida.

Figura 1 - Culto ecumênico do 1º Acampavida em 1998



Fonte: Autores.

Figura 2 - Recorte do Jornal A Razão noticiando sobre o 1º Acampavida em 1998



Fonte: Autores.

Figura 3 - Modelo da camiseta usada no 2º Acampavida em novembro de 1999



Fonte: Autores.

Figura 4 - Oficina de basquete adaptado, realizada no 3º Acampavida em novembro de 2000



Fonte: Autores.

Figura 5 - Cartaz de divulgação do 4º Acampavida que aconteceu em novembro de 2002



Fonte: Autores.

Figura 6 - Foto oficina de canto realizada no 5º Acampavida em novembro de 2003



Fonte: Autores.

Figura 7 - Foto do encerramento do 6º Acampavida em outubro de 2004



Fonte: Autores.

Figura 8 - Foto dos monitores da oficina de fisioterapia no 7º Acampavida em outubro de 2005



Fonte: Autores.

Figura 9 - Foto do encerramento do 8º Acampavida em novembro de 2006



Fonte: Autores.

Figura 10 - Recorte de notícia midiática do Jornal A Razão sobre o 9º Acampavida em novembro de 2007



Fonte: Autores.

Figura 11–Em 2008 aconteceu o 10º Acampavida



Fonte: Autores.

Figura 12–Cartaz do 11º Acampavida em 2009



Fonte: Autores.

Figura 13 - Apresentação Mostra Artística do 12º Acampavida em outubro de 2010



Fonte: Autores.

Figura 14 - Reunião com os monitores na CESMA, organização do 13º Acampavida em outubro 2011



Fonte: Autores.

Figura 15 - Oficina de dança no 14º Acampavida em 2012



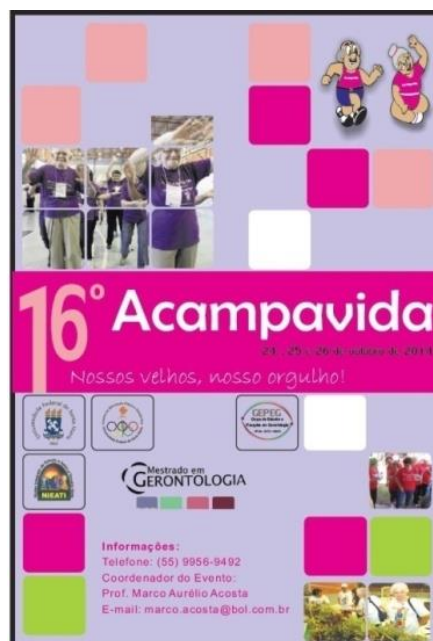
Fonte: Autores.

Figura 16 - Notícia veiculada no Jornal A Razão sobre o 15º Acampavida em 2013



Fonte: Autores.

Figura 17 - Cartaz de divulgação do 16º Acampavida de outubro de 2014



Fonte: Autores.

Figura 18 - Modelo da Camiseta usada no 17º Acampavida em outubro de 2015



Fonte: Autores.

Estruturando o Acampavida

Nesta etapa da pesquisa, descreve-se passo a passo como se dá a construção do Acampavida a partir das narrativas dos idosos, docentes, acadêmicos e das observações. Para melhor compreensão, dividiu-se em três secões:

- a) Na primeira estão descritas as observações realizadas nas reuniões com os idosos e as narrativas das idosas sobre sua participação no organização do Acampavida;
- b) Na segunda estão descritas, de maneira geral, como as oficinas se estruturam pela perspectiva de docentes, acadêmicos e descrição das observações realizadas;
- c) Na terceira está descrita a estrutura do evento.

As reuniões com os idosos

Sentimento de pertencimento e participação

Desde a sua primeira edição, em 1998, buscou-se construir o acampavida com a participação dos idosos. Dessa maneira, para se estruturar o evento, os idosos participam ativamente das discussões para decidir datas, a escolha da cor da camiseta e a comunicação com o seu grupo de convivência e, dessa forma, reforçar a atuação como protagonista social.

Nota-se que, nos diferentes espaços sociais, vem avançando a visibilidade dos mais velhos, para Justo, Rozendo e Correa (2010, p. 45):

A visibilidade e o envelhecimento da população abrem possibilidades para que os idosos não sejam vistos e tratados como personagens

secundários, necessitados de apoio, ajuda e complacência, mas para que se insurjam como protagonistas, como personagens capazes de exercer autonomamente papéis no cenário social e nos enredos que aí se desenrolam.

Figura 19 - Reunião com os representantes dos grupos de convivência de terceira idade em 2016 na UFSM



Fonte: Autores.

Destaca-se que, durante as observações, o processo para escolher a cor da camiseta é extremamente significativo para os idosos, o sentimento de pertencimento a um grupo social e de valorização são percebidos no relato de Dona Pera (73 anos, grifo nosso):

Até a escolha da cor da camiseta é muito bom! É muito prazeroso. Uma vez eu dei uma opinião de uma cor, muita gente não gostou, aí foi pra votação, e ela ganhou. Eu me senti no auge, Bah! Eu me senti importante. Eu decidi a cor de uma camiseta, isso tem um peso muito grande no Acampavida, porque cada ano é uma cor. **E é a gente que escolhe. É nós que damos nossa opinião. Isso é importante para nós.** Ajudando o Marco a decidir o que ele tem que decidir.

Para eles não é uma simples cor de camiseta, é a afirmação de sua atuação como protagonista do evento. Muitos idosos colecionam as camisetas, por fazerem parte de suas memórias. Em dado momento, o NIEATI prestou uma homenagem para uma das idosas mais atuantes e que participa desde o primeiro Acampavida, organizou um mural com as fotos, como exposto na figura abaixo:

Figura 20 - Homenagem a idosa que participa desde o primeiro Acampavida na sala do NIEATI que organiza o acervo e memorial do evento



Fonte: Autores.

Outro aspecto observado nas narrativas são que as atividades em grupo contribuem para que os idosos se mantenham ativos e estabeleçam relações sociais, consequentemente, reforçam a autoestima e sentimentos de valor próprio (Possamai, 2017). O relato de Dona Morango (77 anos), revela estes sentimentos ao participar das reuniões para organizar o Acampavida:

Essa participação é boa porque faz a gente se sentir viva, ter uma preocupação, coisas para fazer. Eu organizo o baile, agora to procurando músicos pro baile. E são essas coisas que faz a gente se sentir feliz.

Vale registrar que durante as observações pode-se perceber o empenho das idosas em organizar o baile que antecede no Acampavida, elas é que procuram o local, os músicos, vendem os ingressos e fazem a divulgação.

Ao serem questionadas sobre os motivos que as fazem participar das reuniões, os relatos apontam para a satisfação em fazer parte do grupo e por construírem o evento junto. Ferrigno (2011, p. 83) diz que “os grupos de convivência quebraram o isolamento de muitos velhos”. Wichmann, Couto, Areosa e Montanes (2013, p. 823) corroboram: “[...] os grupos de convivência são uma forma de interação, inclusão social [...]”

Eu gosto de vir aqui, a gente aproveita pra trocar ideias. É bom pra gente estar aqui, participando da organização (Dona Pera, 73 anos).

Venho para organizar o Acampavida juntos (Dona Melancia, 76 anos).

Eu faço a minha parte no meu grupo, levo os cartazes, as camisetas. Quando vejo tudo pronto, eu fico feliz! Eu incentivo meu grupo a ir pro Acampavida, a participar. Eu organizo o transporte. Venho trazer as fichas de inscrição e o dinheiro e levo as camisetas pro meu grupo (Dona Kiwi, 70 anos).

Minha filha não quer mais que eu venha sozinha nas reuniões, ela tem medo que caia. Hoje mesmo não tinha ninguém pra vir comigo, mas eu disse eu vou sozinha. Eu pego dois ônibus para vir e dois ônibus para voltar. E graças a Deus eu to aqui! Eu gosto de vir pra reunião, eu gosto de participar da organização do Acampavida (Dona Laranja, 77 anos).

Nós somos o leva e traz dos nossos grupos. No meu grupo eu aviso no dia tal tem reunião da universidade. Quando chego no grupo levo as notícias da reunião. A gente vem buscar notícias e informações (Dona Morango, 77 anos).

Durante as reuniões, também há um momento em que elas dividem os acontecimentos de seus grupos de convivência e compartilham convites para bailes, domingueiras, almoços e outros encontros.

As oficinas

Articulando ensino, pesquisa e extensão e capacitação

As oficinas que acontecem no Acampavida são organizadas e coordenadas por docentes de cursos de graduação da UFSM e outras Instituições de Ensino Superior (IES). Durante a realização do 18º Acampavida, foram entrevistados alguns dos docentes e pode-se resumir de forma sistemática, dado que as questões abordadas foram sobre como se organizam as oficinas. Em seus relatos, todos seguem basicamente o mesmo protocolo:

Sim, há uma discussão entre os docentes que atuam com as temáticas do envelhecimento e depois uma reunião com os acadêmicos e que normalmente pensa-se numa oficina que os acadêmicos já tenham alguma propriedade em reproduzir. Sempre com o objetivo de articular o ensino e a extensão. Eventualmente conseguem articular a pesquisa também. Após o evento não há uma reunião, não há uma avaliação formal (Professor A).

Os acadêmicos são voluntários e participam ativamente da construção e implementação de cada atividade junto com os docentes responsáveis pelas oficinas e minicursos. Anteriormente ao evento, há uma reunião geral com todos os envolvidos. Essa reunião, que acontece na Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA), se dá no intuito de comunicar aos docentes e acadêmicos o local em que acontecerá o evento, distribuir as camisetas para os monitores, esclarecer dúvidas e também apresentar o evento para os acadêmicos que participaram pela primeira vez.

Figura 21 - Reunião com os monitores na CESMA para organizar o 18º Acampavida em 2017



Fonte: Autores.

Os acadêmicos relataram acontecer uma reunião antes do evento com o intuito de capacitar e discutir sobre quais atividades serão propostas.

Tem uma reunião antes do evento essa reunião é para capacitação. Pensamos as oficinas sempre na questão da prevenção (Aluno A).

E as oficinas são pensadas em educação e saúde e pensando que no Acampavida é uma experiência com idosos saudáveis (Aluno B)

E quando a gente faz a oficina é pensando que eles se lembrem quando chegar em casa. Quando eles forem fazer algo, que eles se lembrem do que a gente falou. Pensando na prevenção na saúde e no envelhecimento saudável (Aluno C).

Blessmann, Gonçalves, Silva e Possamai (2016) destacam que a responsabilidade social da universidade é enfatizada pelas atividades extensionistas, as quais constituem campo estratégico para a possibilidade concreta de transformação, integrando o ensino e a pesquisa, sendo assim, o Acampavida cumpre com o seu papel.

Estrutura do Acampavida

Aprendizado e trocas de saberes

De acordo com Lima (2017, p. 25) existem aproximadamente “40 grupos de convivência de Terceira Idade na cidade de Santa Maria”. Na 18ª edição, participaram 29 grupos de convivência de terceira idade e obteve-se 379 idosos inscritos pertencentes a esses grupos, e, do total, apenas 29 homens. Tendo em vista que 92% dos inscritos eram mulheres, esses números confirmam as características já descritas na literatura brasileira, por Camarano e Kanso (2011 apud Tarallo, Neri, & Cachioni, 2017, p. 429):

[...] as mulheres têm participação mais ativa na sociedade e, portanto, frequentam outros locais com diversas finalidades, como educação, esporte, lazer. O papel da mulher e o seu maior engajamento social, influenciado por questões culturais, pela expectativa de vida, melhorias das condições de vida, além de uma maior preocupação com a saúde, desencadeia o fenômeno conhecido como feminização da velhice, que é o crescimento da parcela de mulheres com mais de 60 anos de idade atuando na sociedade.

O número total de inscritos tem sido uma preocupação recorrente nas reuniões por parte dos idosos, visto que, a cada ano, vem diminuindo o número de idosos inscritos no Acampavida.

Para Acosta (2009), são visíveis as mudanças ocorridas nestes anos, em 1998 não haviam tantas opções de lazer e convívio para idosos na cidade e podia-se contar com cerca 1.100 idosos; já hoje, a realidade do idoso mudou e passou a ter fartas opções de lazer, como bailes, domingueiras, encontros de grupos, festividades, etc. Nos relatos a seguir confirmam-se as preocupações observadas no decorrer das reuniões:

Eu comecei no 6º Acampavida e era cheio de gente, agora nos últimos anos diminuiu muito o número de idosos. Tem pouca gente participando (Dona Manga, 72 anos).

Cada ano que passa vem menos idosos (Dona Melancia, 76 anos).

Eu chamo, mas elas não querem vir (Dona Laranja, 77 anos).

Nas reuniões foi observado que as idosas procuravam estratégias de divulgação para mudar este perfil. O evento já possui divulgação nos veículos de mídia, como: tv, jornal, rádio, e mídia impressa, porém, não se sabe os motivos pela baixa adesão observada pelas idosas nos últimos anos.

No dia do evento, é realizado pela manhã um culto ecumênico, seguido pelas apresentações artísticas, o Coral da Terceira Idade “Cantando a Vida” faz sua apresentação e após são abertas as oficinas, que também acontecem na parte da tarde. A noite acontece a Mostra Artística, na qual os grupos de convivência de Terceira Idade apresentam-se ao final uma solenidade de encerramento.

Durante o evento, os idosos reencontram antigos amigos, fazem novas amizades, dançam, aprendem coisas novas, assistem apresentações artísticas e, nesse dia, os idosos convivem dentro da universidade com os docentes e acadêmicos. Muitos idosos participam desde a primeira edição, eles mencionam como é prazeroso participar do Acampavida. Traz-se, aqui, o relato de Dona Uva (76 anos), que participou de todas as edições:

Eu tenho uma ideia espetacular do Acampavida, até mesmo nossa convivência dentro da universidade, quantos de nós jamais teríamos entrado aqui se não fosse o Acampavida, e ter essa integração dentro da universidade é uma coisa maravilhosa! Trazer a gente aqui pra dentro, uma coisa que nunca ia acontecer, afinal, a gente está velho, já estamos

passados, o que a gente iria vir fazer aqui dentro? E aí de repente, vocês criaram uma coisa onde a gente se sentir útil aqui dentro. Nós também estamos aqui para facilitar, para ajudar, também para complementar a ideia dos jovens. A gente guarda tudo que a gente ouve. Muitas coisas a gente aprende no Acampavida, a gente lembra do que foi dito nas oficinas, o aprendizado vai com a gente [...].

Os docentes e acadêmicos monitores são voluntários, repassam seus conhecimentos adquiridos nas universidades, se disponibilizam para organizar e realizar as oficinas. Há, portanto, uma gama imensa de trocas de saberes entre os participantes, isso revela-se na entrevista do Aluno B:

O mais legal é a troca, é que a gente ensina, mas eles também ensinam a gente. A gente também aprende com eles, principalmente com a vivência de cada um (Aluno B).

Sendo assim, para Both (2000), a universidade torna-se, então, interlocutora nos exercícios sociais, integrando projetos de pesquisa e extensão com o desenvolvimento de ações com a preocupação de estender a vida nos anos e de qualificar esse tempo.

Considerações finais

Desde as primeiras ações para a construção do evento como nas reuniões com os idosos, existe um movimento constante de entrega por parte dos envolvidos. Começando pela coordenação, que há mais de 18 anos se dedica para que o evento aconteça e não mede esforços para que todos sejam beneficiados de acordo com os interesses de cada um (idosos, docentes e acadêmicos).

Desta forma, ao observar a construção do Acampavida, compreendeu-se que se trata de evento que envolve, em um mesmo espaço, ações de ensino, pesquisa e extensão, esse tripé é interdependente e complementar, que favorece a aprendizagem no desenvolvimento de ações que integrem idosos, adultos e jovens, levando à desconstrução de estereótipos e quebra de preconceitos. Nesse espaço ocorrem recíprocas trocas a partir das sabedorias de cada grupo, respeitando as diversidades e o conhecimento de cada um. Todas as pessoas envolvidas na organização do evento compreendem sua importância, enfim, cabe aqui incentivar que outras

experiências como esta sejam realizadas para que novos conhecimentos sobre o envelhecimento sejam formados.

Referências

- Acosta, M. A. (2009) *Acampavida 10 anos (1998-2008): nossos velhos, nosso orgulho*. Santa Maria: Pallotti.
- Acosta, M. A. F. (2014) Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. *Pajar*, 2(2), 99-103.
- Acosta, M. A. F. (2016) Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade: 30 anos de atuação na Universidade Federal de Santa Maria. In E. M. Berlezi, L. Schonaride Filho, & S. B. Garces (Org.). *Envelhecimento humano: compromisso das universidades gaúchas* (pp. 75-90). Ijuí: Unijuí.
- Acosta, M. A., & Dias, F. F. S. *Caderno ADULTO* (Vol. 4). Santa Maria: UFSM, CEFD, NIEATI, 2000.
- Backes, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., & Lunardi, V. L. (2011) Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, 35(4), 438-442.
- Bardin, L. (2011) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Blessmann, E. J., Gonçalves, A. K., Silva, P. C., & Possamai, V. D. (2016) CELARI: atividades físicas e socioeducativas de lazer com idosos. In E. M. Berlezi, L. Schonaride Filho, & S. B. Garces (Org.). *Envelhecimento humano: compromisso das universidades gaúchas* (pp. 147-164). Ijuí: Unijuí.
- Both, A. (2000) *Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade*. Passo Fundo, UPF Editora.
- Cachioni, M. (2003) *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores das universidades da terceira idade*. Campinas: Alínea, 2003.
- Cachioni, M., & Neri, A. L. (2012) Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In A. L. Neri, & M. S. Yassuda (Org.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos* (4a ed., pp. 29-49). Campina: Papirus.
- Debert, G. G. (1999) *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP.
- Ferrigno, J. C. (2011) Programas intergeracionais no Brasil. *A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento*, 22(50), 75-91.
- Inouye, K., & Oliveira, G. H. (2004) Avaliação crítica do tratamento farmacológico atual para doença de Alzheimer. *Infarma*, 15(11-12), 80-84.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009) *Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE.

Justo, J. S., Rozendo, A. S. & Correa, M. R. (2010) O idoso como protagonista social. *A Terceira Idade*, 21(48), 39-53.

Lima, T. V. (2017) *Grupos de terceira idade e sociabilidade: um estudo no município de Santa Maria, RS*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Mazo, G. Z., Sandreschi, P. F., Virtuoso, J. F., Krug, R. R., Streit, I. A., Nepomuceno, A. S. N., Naman, M., & Medeiros, P. A. (2013) Grupo de estudos da terceira idade – GETI: uma proposta de integração entre extensão, ensino e pesquisa voltados à pessoa idosa. *Revista Conexão UEPG*, 9(1), 94-105.

Minayo, M. C. S., Delandes, S. F., & Gomes, R. (2012) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (Vol. 1, 32a ed.). Petrópolis: Vozes.

Possamai, V. D. (2017) *Percepção dos idosos participantes de um programa de extensão sobre os pressupostos da política de envelhecimento ativo*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

SÁ-SILVA, J. R., DE ALMEIDA, C. D., GUINDANI, J. F. (2009) Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15.

Tarallo, R. S., Neri, A. L., & Cachioni, M. (2017) Atitudes de idosos e de profissionais em relação a trocas intergeracionais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(3), 423-431.

Turato, E. R. (2005) Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514.

Wichmann, F. M. A., Couto, A. N., Areosa, S. V. C., & Montanes, M. C. M. (2013) Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(4), 821-832.

A percepção dos idosos participantes de um evento de extensão sobre as relações intergeracionais

Juliana Gusman de Souza

Marco Aurelio Acosta

RESUMO: Esta pesquisa objetiva descrever a percepção de idosos a respeito da interação entre as gerações participantes de um evento de extensão universitária que acontece anualmente na Universidade Federal de Santa Maria: O Acampavida. Desvela-se a partir da participação de 11 idosas, integrantes de grupos de convivência de terceira idade da cidade de Santa Maria, que frequentam as reuniões do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio a Terceira Idade, que produziram descrições em um encontro de grupo focal. As descrições foram submetidas à análise de conteúdo, emergindo, das narrativas das idosas, questões relacionadas à solidariedade e aos conflitos intergeracionais. Estes nos levaram a compreender o quanto importante é a convivência e a troca de saberes entre as diferentes gerações que participam do evento e acredita-se que, quanto mais instituições puderem incentivar a convivência intergeracional, maiores serão as experiências vividas por todas as gerações.

Palavras-chave: Terceira Idade; Gerações; Extensão Universitária.

Introdução

Considera-se recente a preocupação da sociedade para as necessidades dos idosos, foi preciso, antes, que eles inquietassem, não somente si próprios, mas também suas famílias, seus locais de trabalho, economias e sistemas previdenciários de seus países (Cachioni& Neri, 2012).

Nessa perspectiva, nas décadas mais recentes, os idosos passaram a se mobilizar em prol de seus direitos, ocupando lugares nos espaços públicos e cobrando um posicionamento do Estado, culminando com as conquistas da Política Nacional do Idoso, de 1994, o Ano Internacional do Idoso, em 1999 e seguido pelo Estatuto do Idoso, de 2003, que salientam a importância da participação dos idosos como atores na sociedade. (Ferrigno, 2010; Siqueira, 2014).

Merece destaque o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, proposto no decorrer da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, organizado pelas Nações Unidas em 2002, que tem como um dos objetivos “Fortalecer a solidariedade mediante a equidade e a reciprocidade entre as gerações”, tendo em vista as necessidades individuais dos

mais velhos e dos jovens, reforçando e incentivando a solidariedade entre gerações (Ferrigno, 2010).

Para Guita Debert (1999), o conceito de geração extrapola o âmbito familiar, para agregar indivíduos de uma mesma faixa etária e também de outras, que compartilharam vivências de eventos sócio históricos. Assim, a intergeracionalidade é um termo usado para definir o convívio entre pessoas de idades e tempos distintos, é, acima de tudo, uma experiência coletiva de autoconhecimento e que promove benefícios mútuos, baseado, na maior parte deles, em troca, interação, ajuda mútua, comunicação, diálogo e aprendizado (Martinez, 2011).

Miranda (2013) reflete sobre a condição das relações entre as gerações nos dias atuais,

O distanciamento social entre as gerações é um fenômeno da contemporaneidade, provocado por uma sociedade que estabelece uma série de espaços “exclusivos” para atender às diferentes faixas etárias. Por outro lado, a família – que sempre foi lugar privilegiado de relações intergeracionais – passou por mudanças importantes em seus arranjos. De lugar de convívio de pais, filhos, parentes próximos que mantinham no grupo vínculos de afinidade e afetividade, transformou-se na família nuclear formada, normalmente, pela unidade de pais e filhos. A falta de convívio resulta no desconhecimento. O distanciamento reforça estereótipos que impedem a aproximação entre as pessoas. Não surpreende, portanto, nossa cultura estar impregnada pelos conflitos geracionais e pelo preconceito etário que se reflete no forte contraste do imaginário social que confere aos jovens qualidades, como força e atividade, e reserva aos velhos as perdas e as carências, como a fragilidade e a passividade.

Dessa maneira, os programas intergeracionais podem beneficiar mutuamente os jovens e os idosos, independentemente dos laços familiares, podendo representar uma oportunidade para discutir os preconceitos existentes entre as faixas etárias, bem como os problemas entre as gerações (França, Silva, & Barreto, 2010).

Assim, entende-se que a universidade é um ambiente propício para se aproximar as gerações, os idosos podem participar de atividades, misturando-se com jovens universitários. Desenvolvendo programas intergeracionais através das atividades de extensão e pesquisa,

facilitando a aproximação das faixas etárias em um saudável movimento dialético (Ferrigno, 2011; França *et al.*, 2010).

Buscando os benefícios trazidos por esses programas, atualmente muitas instituições têm desenvolvido ações que favorecem o convívio intergeracional (Miranda, 2003). A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), a fim de aumentar as opções de convívio e lazer para os idosos, criou, em 1998, o evento de extensão universitária Acampavida. Desde então, esse evento acontece uma vez por ano, são desenvolvidas atividades didático-culturais no formato de minicursos, oficinas e palestras, além de dar a oportunidade para que os idosos possam reencontrar antigos amigos, fazer novas amizades, dançar, aprender coisas novas e assistir apresentações artísticas, também proporciona a convivência dentro do ambiente universitário, relacionando-se com docentes e acadêmicos (Acosta, 2009; Acosta, 2014).

Portanto, é essencial conhecer e registrar a realidade dos espaços onde são promovidos encontros intergeracionais e os significados que perpassam essas vivências. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo descrever a percepção de idosos a respeito da interação entre as gerações participantes de um evento de extensão universitária: o Acampavida, experiência pioneira que visa incluir os idosos na universidade.

Trajetória metodológica

Para esta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, pois responde as questões subjetivas e que não convém ser quantificada, para Minayo (2001, p. 21-22), tais pesquisas trabalham:

[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Utilizou-se o grupo focal como técnica de pesquisa, baseado em Backes, Colomé, Erdmann e Lunardi (2011) que descrevem:

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla possibilidade aos participantes de

explorarem os seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação.

Participaram 11 idosas, com idade de 60 a 77 anos, representantes dos grupos de convivência de terceira idade da cidade de Santa Maria que são vinculados ao NIEATI. As idosas frequentam as reuniões que acontecem mensalmente com intuito de deliberar sobre os vários projetos que fazem parte do NIEATI, entre eles o Acampavida.

O grupo focal aconteceu em maio de 2018, previamente agendado, com duração de 50 minutos. No encontro, utilizou-se as seguintes questões norteadoras: Qual o envolvimento, os benefícios e as relações de intercâmbio entre os participantes das diferentes gerações participantes do Acampavida? A participação no evento estimula e fortalece as relações entre as gerações?

O diálogo do grupo focal foi gravado e, posteriormente, transcrito. As descrições produzidas foram submetidas à análise proposta por Bardin (2011, p. 31), definida:

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para preservar o anonimato dos participantes, escolheu-se nomes de frutas como codinomes.

Trajetória das análises

Esta etapa tem como finalidade apresentar os resultados da pesquisa. Os dados foram organizados de maneira sistemática de acordo com os significados que emergiram nas falas dos sujeitos.

Solidariedade e conflitos intergeracionais

Segundo Oliveira (2008, p. 64):

[...] as questões que envolvem gerações são complexas, pois, afinal, todos convivemos em meio a jovens, crianças, adultos e velhos, ao mesmo tempo. Quer dizer: habitamos um mesmo mundo, num mesmo tempo, com diferentes gerações. A particularidade a ser registrada é que *este mundo e este tempo* serão vistos e percebidos conforme as peculiaridades do estilo de uma dada geração, ou seja, da maneira pela qual ela organiza e estabelece sua vida.

O evento Acampavida congrega diversas gerações em um mesmo espaço, as oficinas são desenvolvidas por docentes e acadêmicos dos cursos de graduação da UFSM e de outras Instituições de Ensino Superior (IES), tendo como objetivo oferecer aos idosos momentos de educação em saúde e descontração. Tendo em vista que essas atividades constituem uma das maneiras de aproximar as gerações, indagou-se ao grupo focal sobre o que eles pensavam sobre esse convívio, em seus relatos constatou-se que a interação que acontece é sempre vista e sentida de forma positiva, Dona Pera (73 anos), assinala:

O jovem que entra na área para trabalhar com idosos, eu acho que tem que ser um dom, ou então, uma boa criação de casa, uma boa educação e convivência com toda família com os idosos, com avô e avó, a bisavô, os tios, porque se não, essa geração que não foi criada com esse amor, com esse carinho pela pessoa mais velha, não teria vocação e nem paciência para atender os idosos. No acampavida a gente conversa com os alunos, troca ideias, conta histórias e eles ouvem a gente e conversa com paciência. Eu acho que esses jovens que estão aqui graças a Deus foram bem-criados, bem-educados pelos pais, pelos avós, pelos tios e pela família toda, porque se não é isso, eles são muitos frios. Porque eles podem até estar lá pela disciplina, mas eles não vão servir, eles vão ser frios naquilo que estão fazendo. Os que vão trabalhar hoje, estão lá com sentimento, porque a gente sente que eles são bem carinhosos e sinceros com a gente.

De acordo com Sally Newman (2011):

As mudanças geográficas e estruturais, e isto tem sido um impacto significativo nos membros familiares em extremos opostos da vida. Para nossas crianças, tem acontecido uma perda da interação regular e contínua com os avós, os quais normalmente dão suporte no processo de aprendizagem e crescimento. Para nossa população mais idosa, uma desconexão geográfica dos membros familiares mais jovens resulta em uma mudança em seus papéis tradicionais como educadores e transmissores de cultura e valores. Tem havido uma ruptura no ritmo da família e da comunidade.

Há um benefício mútuo para as gerações quando os idosos convivem com os seus filhos e netos, no sentido do aprimoramento dos conhecimentos em relação à história familiar, ao mundo e fora do contexto familiar, podendo facilitar o estabelecimento de relações que desencadeiem a solidariedade intergeracional (França *et al.*, 2010).

Em alguns relatos houveram apontamentos para os conflitos que acontecem nas relações intergeracionais em outros espaços do cotidiano. Nesse exercício de reflexão sobre os caminhos que conflitam as gerações, convém considerar as preocupações de Dona Maçã (62 anos, grifo nosso):

O que me preocupa é um detalhe. Eu trabalho com crianças e eu vejo como é difícil organiza-los para fazer um trabalho, na faixa etária de 10 a 11 anos eles não têm postura de forma tranquila e concentração. Tínhamos uma apresentação no ano passado e eu reuni o grupo para nós irmos fazer um coral e fazer uma domingueira reunindo um grupo das vovós e dos pequenos. E foi uma decepção no transporte quando faltava uma menina e eu questionei os demais porque fulana não veio? *E aí uma colega disse: “professora ela não veio porque ela disse que não iria acordar cedo num domingo Para se apresentar para os velhos”*. Isso me chocou tanto, tanto que eu chamei a menina na semana seguinte e disse: *“enquanto você não aprender a respeitar as diferenças você não vai mais fazer parte desse grupo”*. Eu tive que tirar a menina do grupo porque eu não admiti ela não respeitar, então, eu me preocupo com essa outra geração.

Sobre a importância de se pensar nas gerações mais novas, levando em consideração os novos arranjos familiares, França *et al.* (2010) aponta que a estrutura da rede familiar, em parte provocada pelo processo urbano e migratório, empurrou muitas famílias a residirem próximas ao local de trabalho e distante dos familiares de outras gerações. Consequentemente, a falta de oportunidades de convívio com os avós provocou o afastamento afetivo e um sentimento de estranheza e de desconhecimento frente ao envelhecimento e aos idosos, que pode levar à formação de estereótipos e preconceitos.

Embora atualmente prevaleça uma distância intelectual e afetiva, para que haja solidariedade e confiança entre as gerações é necessário condições para que se estabeleçam trocas afetivas e de conhecimento entre as gerações (Ferrigno, 2011). Dentro desse contexto, ao responder sobre sua percepção sobre o jovem que participa do evento, Dona Morango (77 anos), menciona os gestos de solidariedade dos jovens e sua forma de transmitir seus ensinamentos através de seus exemplos de vida:

Eu vi eles dizerem assim: Será que quando eu chegar na sua idade eu vou ter essa energia pra estar aqui indo de oficina em oficina? Procurando retirar o máximo para aprender? Enfim, será que quando eu chegar na sua idade eu vou ter essa energia? Deixar de estar em casa, passar o dia inteiro aqui, desde cedo com que objetivo? Eu imagino que os estudantes ficam pensando assim. Mas a gente gosta, a gente quer aprender. Eles tratam a gente com preocupação e carinho e quanto mais pro curso que eles estão fazendo vai servir, vai ajudar.

De acordo com Papalia, Olds e Felman (2006 como citado em Cachioni & Aguilar, 2008), os idosos estão envolvidos com a última função gerativa, que, conforme a teoria proposta por Erik Erikson, reflete um anseio de transcender a mortalidade, quando os idosos oferecem um pouco de si mesmos como investimento na vida de gerações futuras. O adulto maduro e o idoso desejam investir em seu capital vital, seus conhecimentos e suas qualidades, preocupar-se em transmitir um legado pessoal de experiências, envolver-se para a manutenção e o progresso das instituições sociais, da sociedade, do bem-estar de grupos humanos e do bem-estar da humanidade.

Os conhecimentos transmitidos favorecem o convívio através da passagem de legados, tanto nos ambientes educacionais como do exercício profissional, que idosos e jovens estudantes serão mutuamente beneficiados (Cachioni & Aguilar, 2008).

Eles estão ali espontaneamente, eles não são obrigados a ir. Eles têm alguma coisa que leva eles a pensar melhor pra estar ali. Eles serão os próximos, entendi. Eu imagino assim: *“por isso eu vou lá porque eu quero me espelhar neles para eu poder organizar melhor a minha velhice”* porque a gente está sempre pensando em organizar lá mais adiante. Uma vez que eles não são obrigados, não estão indo lá para ganhar um dinheiro, porque eles não ganham nada, eu acho! Então, a vontade que eles têm de estar ali, revela exatamente o que eles vão buscar a nossa cabeça como é que nós pensamos como é que nós conduzimos nossa vida, como é que foi a nossa vida. Porque volta e meia eles fazem perguntas sobre a nossa vida e isso é muito bom quando eles fazem essas perguntas e a gente gosta de responder e fazer comparação (Dona Uva, 76 anos).

A percepção de Dona Uva, sobre a transmissão de seu legado através dos momentos de interação no Acampavida, é reforçada pelos apontamentos de França *et al.* (2010, p. 529), que diz:

As práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo. Esses resultados podem e devem ser multiplicados por outras organizações públicas e privadas. Não menos importante está a intensificação das pesquisas acadêmicas para comprovar os benefícios intergeracionais destes programas.

Tendo em vista que, ao abrir suas portas, a universidade possibilita a quebra de paradigmas, de estereótipos e de mudanças de imagens sociais construídas ao longo da história. O ambiente acadêmico passa a se configurar como um espaço intergeracional de troca de saberes, visto que os idosos buscam respostas diferentes para o seu envelhecimento. O aluno

da graduação, no lugar também de aprendiz, tem a oportunidade do convívio com os idosos, como também de passar por situações que farão parte da futura prática profissional (Cachioni & Aguilar, 2008).

Frente a essa realidade, configurada pela presença dos idosos no ambiente acadêmico, tem ocorrido uma progressiva mudança da imagem da velhice e das relações desses idosos e jovens. E, nessa perspectiva, Dona Uva (76 anos), em relato, demonstra o sentimento de satisfação por poder fazer parte desse movimento, sabendo que sua presença nesse espaço traz contribuições e benefícios, bem como leva consigo os resultados dessas atividades, tidas como prazerosas e promotoras de realização pessoal.

Eu tenho uma ideia espetacular do Acampavida, até mesmo nossa convivência dentro da universidade, quantos de nós jamais teríamos entrado aqui se não fosse o Acampavida, e ter essa integração dentro da universidade é uma coisa maravilhosa! Trazer a gente aqui pra dentro, uma coisa que nunca ia acontecer, afinal, a gente está velho, já estamos passados, o que a gente iria vir fazer aqui dentro? E aí de repente, vocês criaram uma coisa onde a gente se sentir útil aqui dentro. Nós também estamos aqui para facilitar, para ajudar, também para complementar a ideia dos jovens. A gente guarda tudo que a gente ouve. Muitas coisas a gente aprende no Acampavida, a gente lembra do que foi dito nas oficinas, o aprendizado vai com a gente, mas já guardar fisionomia de um monitor de oficina, isso não (Dona Uva, 76 anos).

Outro relato reforça o que foi destacado acima e faz constatar o quão enriquecedor torna-se para todos esse processo.

Eles estão trabalhando, estão pesquisando em cima da nossa idade (dos 60, 80, 100 anos) então, isso é muito bom porque as vezes, as oficinas, muito rapidamente a gente vê alguma coisa, como túnel do tempo, aqueles objetos, alguns até do tempo da minha avó. E a gente conta uma história ali para as meninas e rapazes que estão ali naquela oficina e a gente nota que eles ficam surpresos com as coisas que a gente conta, né? É que eles não imaginam o que foi lá no passado. Não passaram, não pegaram esse tempo eu acho integração é muito boa E a gente

consegue acompanhar de uma certa maneira. Saber que o trabalho que vocês estão fazendo, pensando na gente e que vai servir no futuro para eles também (Morango, 77 anos).

Nesse sentido, França *et al.* (2010) constata que os idosos podem ser atualizados, assistidos e apoiados pelos jovens, através de trocas intergeracionais que independem de laços familiares. Os jovens podem ser tutores de pessoas mais velhas em cursos que requeiram tecnologia, conhecimentos recém-adquiridos nas universidades ou mesmo que digam respeito a algo que já faz parte do dia a dia, como a inserção digital. Há, por conseguinte, uma gama enorme de alternativas de programas intergeracionais a serem desenvolvidos que propiciem a troca de conhecimentos, afetividade, o resgate de valores e de memória, a quebra de preconceitos e o estímulo a atitudes solidárias.

Professores e monitores são considerados mediadores em programas intergeracionais, é importante que eles tenham consciência das diferentes possibilidades e dos diversos efeitos sobre o processo de aprendizagem e das implicações do conflito intergeracional que podem se fazer presente, devem, além de cultivar as relações entre as gerações, transmitir valores, incentivar a participação e estabelecer papéis entre os envolvidos (Tarallo, Neri, & Cachioni, 2017).

Segundo Ferrigno (2010), uma importante diferença entre os mais novos e mais velhos, que pode gerar conflitos, é o ritmo do dia a dia e a forma de vivenciar e administrar o tempo. Citando Norbert Elias, o autor se reporta às reflexões sobre como a concepção de tempo tem variado ao longo da história da humanidade e como a vida moderna passou a ser cada vez mais temporalizada. Depende-se do relógio e vive-se em um mundo que tem cada vez mais pressa. As mudanças têm sido cada vez mais aceleradas e isso se faz em nome do progresso. Nessa perspectiva, Dona Uva (76 anos) relata sua percepção sobre os conflitos gerados pela era da modernidade:

Eu acho isso tudo muito interessante principalmente na era em que estamos vivendo agora. Por parte da informática e essas coisas. Nós somos de uma era lá de traz, nossa era é uma era mais lenta. As coisas que aconteciam eram mais lentas. Hoje em dia tudo é muito rápido. Hoje você tem um telefone, amanhã esse telefone já está muito atrasado. Já tem que ter outro e ter outro. Então, tudo isso aí para nós para minha geração de 76 anos é uma coisa assim meio complicada.

Mas é muito interessante, porque lá no Acampavida a gente vê ali a capacidade que os alunos têm de chegar até a nossa geração. Eles conseguem retroagir até a gente, entendi! E a gente não consegue chegar até eles, mas eles chegam com facilidade até a gente, como tinha antes aqueles cursos de informática que a universidade nos dava. A gente percebia a capacidade que eles tinham de nos ensinar. Eu acho isso muito interessante.

Ferrigno (2010, p. 123), reflete:

Será que esse tipo de percepção é compartilhada pelos jovens? Talvez não, à medida que estão crescendo em ritmo social mais acelerado. Por isso, conseguem viver de modo mais adaptado, produzindo e se relacionando com as pessoas. [...] na medida do possível o jovem se detém um pouco em sua pressa e o idoso acelera um pouco o passo para andar a seu lado, assim é possível um entendimento.

Alguns relatos no grupo focal apontaram para questões relacionadas a comunicação entre as gerações. De um lado está o jovem, que é apontado como não tendo paciência, e do outro lado o idoso, que pensa não conseguir espaço para dialogar. Nos relatos abaixo, vê-se situações distintas em que aparecem esse conflito na comunicação entre as gerações:

O conviver é bem interessante porque a gente tem uma experiência que eles estão buscando entender. E a gente consegue se comunicar muito bem com o jovem de hoje, a gente tem essa capacidade, quando tem muitos jovens que não conseguem se entender com certos idosos. Mas o idoso tem mais, não sei se é porque o idoso já passou pelas experiências, ele tem mais digamos assim, mais paciência, mais vivência pra entender e ir mais devagar em um certo assunto. O jovem é muito acelerado. Então, ele quer tudo pra ontem e a gente tem mais calma, porque a gente já passou monte de coisa, e nós estamos no hoje, mas é muito interessante essa convivência (Dona Pera, 73 anos).

Se a gente pedir uma ajuda para os jovens explicar para a gente alguma coisa, ele é que fazem pra gente. Eles não têm muita paciência. Eu sei por causa do meu lá em casa. Ele faz e pronto. E eu fico sem aprender (Manga, 72 anos).

Eles são acelerados eu sei pela geração dos meus netos eles são muito diferentes, muito pra frente. Tem pessoas que conseguem acompanhar, mas eu por exemplo, não consigo acompanhar a tecnologia de hoje, é difícil! Mas para outras pessoas idosas não é difícil, para mim se tornou difícil, não sei se eu não entrei no começo. Não procurei me alertar, mas sei-lá, agora no estágio que está a tecnologia dos avanços da internet, telefones bem avançados eu não consigo entender (Dona Pera, 73 anos).

De acordo com Ferrigno (2010), existe uma pressão para que os idosos se atualizem para se “adaptarem” às novas tecnologias do mundo, em nome da melhora da sua qualidade de vida. Se, por um lado, estar atualizado com o que acontece no mundo, faz do idoso uma pessoa com mais condições de dialogar com o jovem, por outro lado percebe-se que o jovem pode vir a se interessar também, sobre o universo de vivências do idoso.

É verdade que o caminho para aproximação das gerações não é fácil, há muitos impasses constituídos por ambos, todavia, é importante reconhecer que, para que seja possível superar esses impasses entre as gerações, é preciso compartilhar da “preocupação” de D. Maça (62 anos):

Eu espero que esses jovens que estão interagindo hoje com os idosos, que eles tenham também uma preocupação em passar este outro lado (nosso lado) para as crianças, pré-adolescentes, adolescentes e em suas famílias. Para que um dia eles consigam conviver melhor conosco. Bom que tem jovens dando atenção pra nós, mas temos que nos preocupar com as gerações mais novas.

Dessa forma, Sally Newman (2011) traduz muito bem o que se quer expressar:

Quando a sabedoria e experiência de um idoso se juntam à criatividade e vitalidade do jovem, podemos criar nações que adotem a

solidariedade intergeracional e deem oportunidades para todas as gerações a fim de que desenvolvam seu máximo potencial social, físico e intelectual.

Considerações finais

A partir da análise das narrativas dos idosos, as interações que acontecem no Acampavida os fazem se sentir acolhidos pelos jovens, demonstrado por gestos de solidariedade, ressalta-se que ao falar sobre relações intergeracionais, o contato e as trocas são mutuas. Além disso, constatou-se que a universidade é um local adequado para promover esses encontros, tido como um espaço privilegiado que permite beneficiar mutuamente as gerações. Dessa forma, a percepção desses idosos constitui-se como a realização de um sonho, estar inserido no ambiente acadêmico e misturando-se aos jovens, sabendo que, de certa forma, estão contribuindo com a construção do conhecimento, que não somente eles estão sendo “ensinados”, mas que também estão passando seus conhecimentos através dos momentos em que relatam suas experiências, deixando, assim, sua marca ou seu legado.

Por mais que hoje em dia haja um afastamento entre as gerações e um comprometimento em suas relações, como citado nos estudos, ao participarem do Acampavida, os idosos acreditam que as relações intergeracionais passam a existir mesmo que por um período curto, com pouca interferência e com poucos conflitos ou nenhum conflito, já que ambos possuem interesses em comuns. O Acampavida agrega diversas gerações, uma vez por ano, em um mesmo espaço e nesse dia as gerações se encontram e tudo é resolvido e todas as perguntas são respondidas.

Assim, o Acampavida nos leva a compreender o quão importante é a convivência e a troca de saberes entre as diferentes gerações que participam do evento, acredita-se que, quanto mais instituições puderem incentivar a convivência intergeracional, maiores serão as experiências vividas por todas as gerações. Nesse contexto, resoluções nacionais e internacionais, como a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso e o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, expressam seu incentivo à promoção de programas intergeracionais.

Encerra-se este estudo reconhecendo que é nesse encontro de diversas gerações e de diferentes interesses educacionais que ocorre um profundo processo de mudança e incentivo à convivência intergeracional, além de propor a continuidade envolvendo crianças, por exemplo, e, com isso, preparar as gerações para esse processo da vida que é o envelhecimento.

Referências

- Acosta, M. A. F. (2009) *Acampavida 10 anos (1998-2008): nossos velhos, nosso orgulho*. Santa Maria: Pallotti.
- Acosta, M. A. F. (2014) Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. *Pajar*, 2(2), 99-103.
- Backes, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., & Lunardi, V. L. (2011) Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, 35(4), 438-442.
- Bardin, L. (2011) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cachioni, M., & Aguilar, L. E. (2008) A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Revista Kairós*, 11(1), 79-104.
- Cachioni, M., & Neri, A. L. (2012) Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In A. L. Neri, & M. S. Yassuda (Org.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos* (4a ed., pp. 29-49). Campina: Papirus.
- Debert, G. G. (1999) *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP.
- Ferrigno, J. C. (2010) *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2009
- Ferrigno, J. C. (2011) Programas intergeracionais no Brasil. *A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento*, 22(50), 75-91.
- França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B, & Barreto, M. S. L. (2010) Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531.
- Martinez, M. S. (2011) Programas intergeracionais na Europa: breve avaliação crítica das políticas, práticas, teorias e pesquisas. *A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento*, 22(50), 19-34.
- Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (18a ed.). Petrópolis: Vozes, 2001.
- Minayo, M. C. S., Delandes, S. F., & Gomes, R. (2012) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (Vol. 1, 32a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Miranda, D. S. (2003) O encontro de gerações no SESC São Paulo: a história de um processo de inclusão social. *Anais do Congresso Internacional sobre Coeducação de Gerações*, São Paulo, SP, Brasil, 1.

Newman, S. (2011) Histórico, modelos, resultados e melhores práticas dos programas intergeracionais. *Revista Terceira Idade*, 22(50), 7-18.

Oliveira, P. S. (2008) Conflitos e diálogos entre gerações. *A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento*, 19(43), 59-69.

Serviço Social do Comércio - SESC. (2013) Entrevista com Danilo Santos de Miranda. *Revista Cadernos Sesc de Cidadania*, 4(8).

Siqueira, M. D. (2014) *Vivendo bem até mais que 100: envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Tarallo, R. S., Neri, A. L., & Cachioni, M. (2017) Atitudes de idosos e de profissionais em relação a trocas intergeracionais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(3), 423-431.

3 CONCLUSÃO

Em atendimento ao novo cenário mundial de envelhecimento da população, o Acampavida, em sua longa trajetória, é pioneiro no trabalho com idosos no âmbito das universidades no Brasil. Por meio desta pesquisa, procurou-se demonstrar que a organização e planejamento do evento, idealizado para atender aos idosos, é construído com a participação direta dos mesmos, revelando que “idoso/idoso é um ator não mais ausente do conjunto de discursos produzidos” (DEBERT, 1999, p. 12).

O evento, em sua característica, ao incluir os idosos no meio acadêmico, promove um movimento de mudança tanto na vida dos idosos, que passam a sentir-se importantes e sendo parte da construção do conhecimento, quanto para os acadêmicos, que, ao colocarem em prática aquilo que foi apreendido, estão devolvendo para a sociedade conhecimento gerado dentro da universidade e também tem a possibilidade de mudar sua própria visão sobre o envelhecimento, quebrando preconceitos e estereótipos sobre a velhice.

Dessa forma, no primeiro artigo, as descrições do planejamento e organização do Acampavida evidenciaram que, mesmo tratando-se de um evento de extensão, consegue praticar ações de ensino e pesquisa, que são interdependentes e complementares no processo de aprendizagem. Assim, nesse espaço, os envolvidos em movimento dialético trocam sabedorias, respeitando as diversidades e conhecimento de cada grupo.

Nessa perspectiva, o segundo artigo contempla as percepções dos idosos sobre as interações entre as diferentes gerações que participam do evento, sendo possível compreender que as vivências entre as gerações são permeadas de solidariedade e conflitos, porém, ao reunirem-se no Acampavida, os conflitos, em um único dia, deixam de existir e é possível conviver e compartilhar conhecimentos e vivências. As relações são percebidas pelos idosos como extremamente afetuosas e permeadas de solidariedade.

À vista disso, compreende-se que o Acampavida, enquanto evento de extensão, incentiva a aproximação entre as gerações, tornando-se um evento intergeracional que é composto de ações de solidariedade entre os participantes. Assim, compreende-se a importância do evento e incentiva-se que outras experiências como esta sejam realizadas afim de formar novos conhecimentos sobre o envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, M. A. **Acampavida 10 anos (1998-2008):** nossos velhos, nosso orgulho. Santa Maria: Pallotti, 2009.
- ACOSTA, M. A. F. (2014) Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Pajar**, v. 2, n. 2, p. 99-103, 2014.
- ACOSTA, M. A. F. Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade: 30 anos de atuação na Universidade Federal de Santa Maria. In: BERLEZI, E. M.; SCHONARIDE FILHO, L.; GARCES, S. B. (Org.). **Envelhecimento humano: compromisso das universidades gaúchas.** Ijuí: Unijuí, 2016. p. 75-90.
- ACOSTA, M. A.; DIAS, J. F. S. **Caderno ADULTO.** Santa Maria: UFSM, CEFD, NIEATI, 2000. v. 4.
- BACKES, D. S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.
- BLESSMANN, E. J. et al. CELARI: atividades físicas e socioeducativas de lazer com idosos. In: BERLEZI, E. M.; SCHONARIDE FILHO, L.; GARCES, S. B. (Org.). **Envelhecimento humano: compromisso das universidades gaúchas.** Ijuí: Unijuí, 2016. p. 147-164.
- BLESSMANN, E. J.; GONÇALVES, A. K. Ações voltadas ao envelhecimento: o caso da UFRGS. In: AREOSA, S. V. C. (Orgs.). **Envelhecimento e Universidade: um estudo do Fórum Gaúcho das IES do Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. p. 89-106.
- BOTH, A. **Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade.** Passo Fundo: UPF Editora, 2000.
- CACHIONI, M. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores das universidades da terceira idade.** Campinas: Alínea, 2003.
- CACHIONI, M.; AGUILAR, L. E. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Revista Kairós**, v. 11, n. 1, p. 79-104, 2008a.
- CACHIONI, M.; AGUILAR, L. E. O envolvimento da universidade em relação ao tema velhice: a palavra de coordenadores de programas. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 13, n. 2, p. 237-258, 2008b.
- CACHIONI, M.; NERI, A. L. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.) **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos.** 4. ed. Campina: Papirus, 2012. p. 29-49.

CACHIONI, M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2 ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1456-1465.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Eds.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Campina: Papyrus, 2011. p. 52-64.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DOLL, J. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. **A Terceira Idade, SESC São Paulo**, v. 19, n. 43, p. 7-26, 2008.

FERRIGNO, J. C. **O conflito de gerações**: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária. 2009. 254f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

FERRIGNO, J. C. Programas intergeracionais no Brasil. **A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento**, v. 22, n. 50, p. 75-91, 2011.

FRANÇA, L. H. F. P.; SILVA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010.

GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História**, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002.

INOUE, K.; OLIVEIRA, G. H. Avaliação crítica do tratamento farmacológico atual para doença de Alzheimer. **Infarma**, v. 15, n. 11-12, p. 80-84, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S.; CORREA, M. R. O idoso como protagonista social. **A Terceira Idade**, v. 21, n. 48, p. 39-53, 2010.

LIMA, T. V. **Grupos de terceira idade e sociabilidade**: um estudo no município de Santa Maria, RS. 2017. 81f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

MADRUGA, E. E. K; ARRUDA, S. T. C. Ações voltadas ao envelhecimento: o caso da Universidade Católica de Pelotas/RS – UCPel. In: AREOSA, S.V.C (Orgs.). **Envelhecimento e Universidade**: um estudo do Fórum Gaúcho das IES do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. p. 45-58.

MARTINEZ, M. S. Programas intergeracionais na Europa: breve avaliação crítica das políticas, práticas, teorias e pesquisas. **A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento**, v. 22, n. 50, p. 19-34, 2011.

MAZO, G. Z. et al. Grupo de estudos da terceira idade – GETI: uma proposta de integração entre extensão, ensino e pesquisa voltados à pessoa idosa. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 1, p. 94-105, 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1.

MIRANDA, D. S. O encontro de gerações no SESC São Paulo: a história de um processo de inclusão social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COEDUCAÇÃO DE GERAÇÕES, 1., 2003, São Paulo. **Anais...São Paulo**: SESC, 2003.

NEWMAN, S. Histórico, modelos, resultados e melhores práticas dos programas intergeracionais. **Revista Terceira Idade**, v. 22, n. 50, p. 7-18, 2011.

OLIVEIRA, P. S. Conflitos e diálogos entre gerações. **A terceira idade SESC: Estudos sobre o envelhecimento**, v. 19, n. 43, p. 59-69, 2008.

POSSAMAI, V. D. **Percepção dos idosos participantes de um programa de extensão sobre os pressupostos da política de envelhecimento ativo**. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

SCHIER, J. et al. 30 Anos NETI: o percurso de um modelo de educação permanente em gerontologia. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 10, n. 15, p. 1-10, 2013.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Entrevista com Danilo Santos de Miranda. **Revista Cadernos Sesc de Cidadania**, v. 4, n.8, 2013.

SIQUEIRA, M. D. **Vivendo bem até mais que 100**: envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil. 2014. 214f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2014.

TARALLO, R. S.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. Atitudes de idosos e de profissionais em relação a trocas intergeracionais. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, n. 3, p. 423-431, 2017.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

WICHMANN, F. M. A. et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 16, n. 4, p. 821-832, 2013.

APÊNDICE A -ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

DATA: ____/____/____. HORÁRIO INÍCIO: ____:____ DURAÇÃO:____:____

NÚMERO DE PARTICIPANTES NESTE DIA: _____.

NOME: _____.

GRUPO: _____.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS: (comportamentos, aparência, etc)

DISPOSIÇÃO DO AMBIENTE:

ASSUNTOS ABORDADOS:

DIÁLOGOS:

APÊNDICE B-ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (DOCENTE)

Docente coordenador da oficina

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Qual sua data de nascimento?
- 3) Qual o curso que está vinculado?
- 4) De quantas Acampavidas você já participou?
- 5) Como você organiza as oficinas?
- 6) Qual o objetivo das oficinas?
- 7) Como escolhe e seleciona os alunos que irão participar das oficinas?
- 8) Como você espera que seja a participação dos alunos nas oficinas?
- 9) Você já trabalha com idosos?
- 10) Existe uma reunião prévia ao evento? Algum treinamento para o aluno?
- 11) Como você descreveria sua participação, sua motivação no evento?
- 12) Em relação aos idosos: durante o evento você mantém contato com eles?
Como você descreveria esse contato?
- 13) Existe uma discussão pós evento?

APÊNDICE C-ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (ALUNO)

Aluno monitor da oficina

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Qual sua data de nascimento?
- 3) Qual o curso que está vinculado?
- 4) De quantos Acampavidas você já participou?
- 5) Você participou da organização da oficina? Como?
- 6) Existe uma reunião que antecede ao evento? Um treinamento?
- 7) Qual o motivo que te levou a querer participar do evento?
- 8) Como foi participar do Acampavida?
- 9) Você acredita que durante o evento houveram trocas de conhecimentos entre você e os idosos?
- 10) Como você descreveria essa troca?
- 11) No seu curso é falado sobre o tema envelhecimento? Em algum momento da graduação você convive com idosos?
- 12) Existe uma discussão pós evento?

APÊNDICE D-ROTEIRO APRESENTAÇÃO GRUPO FOCAL

- 1) Qual é a percepção de vocês, sobre a interação entre as gerações que participam do acampavida?
- 2) O que vocês pensam das gerações mais novas?
- 3) O que vocês acham que as gerações mais novas pensam sobre vocês?

Nas atividades propostas:

- 1) Há contato físico?
- 2) Disponibilidade para trocar e escutar depoimentos?
- 3) Colaboração e cooperação nas atividades?
- 4) Manifestações de laços afetivos?
- 5) Quais atividades são as que mais propiciam a aproximação entre as gerações?
- 6) O que vocês pensam sobre as reuniões mensais?
- 7) Como vocês veem a participação de vocês na organização do Acampavida?

ANEXO A-TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INTERGERACIONALIDADE

Pesquisador responsável: Juliana Gusman de Souza e Prof. Marco A. F. Acosta (orientador)

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 9956-9492

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria no Centro de Educação Física e Desportos localizado à Av. Roraima, 1000 - Prédio 51 – Camobi - Campus Universitário - Km 9 - CEP 97105-900 - Santa Maria – RS

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de observação participante das reuniões com os representantes dos grupos de convivência da Terceira Idade de Santa Maria que participam as reuniões ocorrem mensalmente no Centro de Educação Física e Desporto, está reunião se dá no intuito deliberar sobre os vários projetos organizados pelo NIEATI, dentre eles organizar o evento com a participação dos idosos e as entrevistas semiestruturadas se dará com os: (1) Professores coordenadores das oficinas; (2) alunos monitores indicados pelos professores. Na Universidade Federal de Santa Maria no Centro de Educação Física e Desportos localizado à Av. Roraima, 1000 - Prédio 51 – Camobi - Campus Universitário - Km 9 - CEP 97105-900 - Santa Maria - RS.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução da presente pesquisa que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 51, 97105-970 - Santa Maria - RS., por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Marco A. F. Acosta. Após este período os dados serão destruídos.

Santa Maria, _____ de _____ de 20____.

Marco A. F. Acosta

ANEXOB-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: ACAMPAVIDA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INTERGERACIONALIDADE

Pesquisador responsável: Juliana Gusman de Souza e Prof. Marco A. F. Acosta (orientador)

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 9956-9492

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria no Centro de Educação Física e Desportos localizado à Av. Roraima, 1000 - Prédio 51 – Camobi - Campus Universitário - Km 9 - CEP 97105-900 - Santa Maria - RS

Eu Juliana Gusman de Souza, responsável pela pesquisa “Acampavida: Extensão Universitária e Intergeracionalidade”

Esta pesquisa pretende descrever como evento de extensão Acampavida é estruturado e qual a percepção dos idosos a respeito das interações entre as gerações que participam do evento. Portanto, este trabalho justifica-se por entender que é essencial conhecer e registrar como o Acampavida se estrutura, tendo em vista que se trata de evento pioneiro e que há 20 anos tem promovido um espaço para inserir pessoas idosas no ambiente acadêmico e que neles são proporcionados encontros entre diversas gerações que participam do evento.

Para realização da referida pesquisa utilizaremos a observação participante das reuniões com os representantes dos grupos de convivência de terceira idade de Santa Maria, que acontecem uma vez por mês, na Universidade Federal de Santa Maria no Centro de Educação Física e Desportos, com intuito de deliberar sobre os projetos coordenados pelo NIEATI, dentre eles a organização do Acampavida e entrevistas semiestruturadas com os alunos e docentes coordenadores das oficinas do evento de extensão Acampavida que abordará questões sobre como se estruturam as oficinas.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expressei minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Santa Maria, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável